

A psicanálise do fim do Mundo♦

(e sua clínica)

II

Nosso primeiro encontro do ano foi sob o impacto do assassinato de Marielle Franco, e Anderson; estivemos aqui, depois, em um encontro com Geisa Assis e Daniele Menezes em uma ação lacaniana dedicada à carta da Marielle aos bastardos da PUC, um primor de proposta e posição política. Aprendi muito com elas.

Depois tivemos Barcelona, o Congresso Mundial da AMP onde apontei com a psicose como caminho para a clínica do fim do mundo, com o texto “Está amarrado” (cf. Anexo).

Para retomar, temos que partir da pergunta do ano passado, que, após o trabalho que fizemos, já pode ser retomada como afirmação: o que é o fim do mundo para nós, analistas? O fim do humanismo é, para nós, o eclipse da função do objeto como causa. É o que pretendo desdobrar este ano.

No entanto, a realidade crua bate à nossa porta. Nesta semana Lula foi preso.

Assombra a radicalidade dos mundos e fundos levantados contra o que Lula representa levando-o a prisão de um modo tão absurdo. Haveria vários comentários a tecer com base nos textos que vem circulando sobre o direito americano, baseado na presunção e não na evidência, sobre o oportunismo e manipulação grosseira da república de Curitiba. Ou ainda sobre os erros do PT e do próprio Lula em se aproximar de uma direita ensandecida, capaz de tudo para deixar o capital reger o mundo enquanto mantém a desigualdade que garante seus privilégios desde a escravidão (e quem disse que ela acabou)?

Proponho que deixemos essas considerações para dar lugar a uma reflexão a que o ódio pode levar.

o intelectual crítico e o analista

O primeiro ponto é eleger o ódio como tema. Tentar tomar esse ódio dirigido a Lula como objeto de pensamento.

Por isso enviei o texto do livro *Ódio, Segregação e Gozo*, que Rodrigo Lyra e Carlos Camargo produziram na época. Eles retomam as indicações de Freud e Lacan.

Isso poderia ser entendido como uma indecência: num momento desse do Brasil, em que é preciso agir, vamos ficar pensando sobre o ódio?

Em nosso debate no FB, Liège diz: “sou mais da ação, o lugar de intelectual crítico me interessa pouco”. De fato, escolhi o texto de Eliane Brum porque considero ser a boa posição do intelectual crítico, exatamente porque ela não está totalmente “de fora”. Ela se coloca claramente contra o ódio, critica Lula, mas muito mais Moro. O texto dela é muito lúcido, não está na polarização e abraça a complexidade do tema.

♦ Segundo encontro do seminário ocorrido em 120418. Transcrição Bruna Lódice. Não revisada.

Apesar disso, esse texto me incomoda. Me interessa, me seduz, mas também me incomoda. Quando ela destaca a contorção dos rostos, parecendo alegria, mas que é um mal disfarçado ódio, e propõe obscena essa alegria por esconder o ódio, Eliane Brum parece estar claramente tomando posição. Diz que o ódio emburrece, que é coisa dos que estão totalizados numa paixão cega. A gente concorda, claro, mas me pergunto: de onde ela fala? A paixão deles não a transtorna? O ódio emburrece, ok, eles odeiam e nós? Pensamos? Onde estamos para podermos “pensar”? Que lugar é esse do intelectual crítico?

Talvez sejam as duas posições mais frequentes das redes sociais, a do intelectual crítico e a das paixões do ódio, mas também do amor. O intelectual crítico escreve o texto, e os comentários aparecem cheios de ódio ou de amor.

Começamos, então, com essa espécie de antagonismo: o ódio obscuro e o olhar de Eliane Brum. Há outro texto dela, *o inconciliável do Lula*, que parece posterior, em que ela fala da rica e da empregada, antagonismo total, e ela está ali como um observador, de fora, da posição do jornalista. A lucidez dessa exterioridade é também frieza.

Essa primeira polarização pode ser vista como as posições antagônicas da ação e do pensamento. Como se a ação, ou as paixões não servissem para nada, fosse uma posição burra, pura violência. A oposição entre teoria e prática, assim colocada, não vai longe. Então, marquemos a posição do intelectual como a de uma exterioridade. Porque o lugar da ação também pensa. Dois outros textos que destacamos falavam exatamente da estratégia do Lula, o quanto há pensamento, e que ele sabe o que está fazendo. Então não é algo “burro”, ação sem pensamento.

Por outro lado, não dá pra dizer alguma coisa sem assumir o lugar de onde se está dizendo. Porque o perigo de não dizer de onde se está falando é que, por exemplo, no caso do negro e do branco, se eu estou no lugar do branco, do lugar do poder, e se não digo de onde estou dizendo, como se estivesse dizendo de lugar nenhum, do lugar do universal, estou de fato dizendo do lugar hegemônico, que silencia.

De onde, então, se profere “não aguento mais um Brasil de ódio obscuro”? É um perigo para o qual temos que estar atentos, porque se nós começamos a enunciar coisas desde este lugar de extraterritorialidade, para usar o termo de Lacan, vamos muito rápido para o lugar de um universal transidentitário, o universal do sujeito como furo, sem cor, por exemplo, sem identidade, que parece bom, mas que, quando estamos em um regime em que só quem tem a cor branca (rosa, na verdade) pode falar, pode ser um lugar eu silencia, oprime.

Quando o analista fala que a singularidade deve ser preservada. De onde ele fala isso? Quando falamos assim, estamos supondo que somos todos parecidos com relação à singularidade. E é essa suposição de base que é um problema hoje. Não somos tão semelhantes assim.

Acho que temos a percepção de que essa posição de exterioridade do intelectual crítico não existe mais no nosso país e se ela existe é uma espécie de grupo, de seita, dos apolíticos, já que tudo foi tomado, hoje, pela política. Ela não é mais o que acontece envolvendo partidos e eleições, pois como tudo isso se esvaziou, agora, como dizem as feministas “o pessoal é político”. Foi Ernesto Laclau que mostrou como o esfacelamento da política tradicional leva a uma generalização da política, cunhando a expressão democracia radical, para falr dessa democracia meio apartidária que cresce hoje.

Talvez possamos concluir que a melhor posição política é exatamente criar essa exterioridade. Pode ser. Mas tendo mais a pensar que estamos numa situação onde é preciso também tomar posição, inclusive a de pensar o que está acontecendo. A Marielle com os bastardos era isso: está dentro e exige um “a mais” de pensamento. É diferente de estar fora e dizer: “vocês poderiam fazer mais”.

Participante: esse ódio não estaria muito mais manifesto na adesão ao Bolsonaro, na apologia e na identificação com a tortura. A referência feita ao ódio referido ao gozo do Outro na estrutura da fantasia permitiria pensar o ódio a partir do gozo do Um.

O analista não fala do lugar do intelectual crítico. O intelectual crítico parece falar de lugar nenhum, mas a gente tem que interpretar que “lugar nenhum” é esse, porque de fato ninguém fala de lugar nenhum.

Três ódios

De onde fala o analista? Do lugar do objeto. O analista pode ser objeto de ódio. O lugar do psicanalista num tratamento é o de alguém que se oferece para transferência negativa eventualmente. Ser tomado como objeto de uma paixão é a base da transferência. É esse lugar que pode nos dar direito a falar alguma coisa do ódio. Não porque a gente conhece o ódio melhor que outros. E é relativo a esse lugar que Lacan disse que o ódio é mais lúcido que o amor e Freud fala que o ódio, na relação de objeto, como anterior ao amor.

Participante: seria produtiva uma distinção entre o analista na prática do consultório e o analista quando se propõe a escrever e publicar um texto?

Vamos combinar que devemos fazer essa distinção e que quando estivermos aqui falando “analista” estamos falando no sentido em que Lacan falou, de uma função, e não de uma pessoa. A pessoa que às vezes exerce a função “analista” para outros, responde na cidade como analista. Mas analista não é uma profissão. Então, a que título ele intervém? Se ele está falando na faculdade, está falando como professor, como assalariado. E em outros lugares? Por exemplo, eu, aqui, agora? Estou funcionando como analista para alguém agora? Difícil. Tento preservar alguma coisa do resto que há na minha prática e trazer para cá. Eu diria que sou um “transferido” com os textos de Freud e Lacan, e então há algo que eles disseram que eu acho que pode interessar ao debate.

Participante: por um lado, o analista escreve e publica. Mas o analista que não existe, é uma função.

Quando a gente quer ser radical é isso mesmo.

Participante: mas por outro lado, ele precisa circular socialmente, porque ele é um cidadão. Ele se posiciona. E no momento em que ele circula ele se apresenta com o título de analista.

O lugar que seria o lugar do analista como função, no tratamento, é de objeto. Então talvez a gente tenha algo a dizer sobre o lugar de objeto. Mas o objeto não fala. Então o analista vai a público para falar de algum lugar sobre isso, se conseguir! Talvez não dê.

Retomando a pergunta de Eliane Brum com isso em mente: por que tanto ódio? Alguns dizem: é a desigualdade, é a escravidão, é a elite, etc. Mas nós sempre temos a sensação de que há algo que ultrapassa as explicações. Ela fornece uma também no último texto dela: seria porque o Lula prometeu uma conciliação em que todos teriam tudo, os ricos continuariam ricos e os pobres deixariam de ser pobres. Ele prometeu, e agora há uma decepção. Não é mera decepção: concretamente houve perda de privilégios. Foi tocado o gozo dos ricos: têm que dividir o aeroporto com pobres, dizem que o aeroporto virou rodoviária; etc. Nesse sentido teria havido uma quebra da promessa de que todos poderiam conviver sem perder seus privilégios. É a tese da Eliane Brum nesse último texto.

É razoável. Mas a pergunta continua porque esse ódio parece que ultrapassa toda explicação. Cada explicação coloca como objeto do ódio alguma coisa; o Lula que prometeu, o que era operário e não podia ter se tornado presidente e, para outros, o Lula que teria criado a maior roubalheira organizada desse país em toda sua história. É muita violência que cai sobre ele, num

ódio que parece ultrapassar todos esses objetos. Alguns falam, inclusive Eliane Brum: não é possível que todo esse ódio seja só porque a elite não gosta de pobre.

É sobre esse ódio que vai além de seu objeto que devemos nos interrogar. Ele comparece em uma análise?

Participante: pode-se partir de que o ódio, qualquer ódio, está referido ao Outro.

Mas antes de chegar ao Outro, talvez se precise fazer a diferença entre alguns ódios.

O texto faz a diferença entre três ódios: o imaginário, o ódio que tem a ver com a castração e o ódio que vai além da castração.

O ódio imaginário propõe “ou eu ou você”; só um dos dois pode ter privilégio. O ódio referido à castração seria o da perda de privilégios. Alguém teria que ceder do seu gozo, ceder de alguma coisa, e o ódio vem de ter tido que ceder. No primeiro caso, é “ou eu ou ele”; no segundo, o ódio vem de não aceitar ter que ceder para essa vaga turba indiscriminada. Castração, cuidado, não é amputação; é castração simbólica, é ter que ceder um tanto de mim para poder estar em um enunciado coletivo. Cede-se para o Outro, um outro vazio.

Esse ódio referido à castração também parece não ser o bastante como explicação. É esse o que a maior parte dos analistas usam como chave para ler o nosso mundo, inclusive Eliane Brum. Geralmente é nessa linha, de que a pessoa não assume a castração, não consente com a perda, que vem a frase “não aceita a diferença”. Para aceitar as diferenças a pessoa tem que perder em nome de alguma coisa. Hoje há certamente uma dificuldade em perder, mas isso não quer dizer que essa violência com relação à perda seja uma explicação suficiente.

Então, entra em cena, o terceiro ódio: ódio como uma paixão que é, os termos de Lacan “uma carreira sem limites”, é o ódio que visa o gozo do Outro. Esse sim, talvez seja mais próximo de algo ódio sem limites. Visa o “ser do Outro”, nos termos do Lacan do *Seminário 1*; visa “o gozo do Outro” nos termos de Miller (é a maneira dele interpretar o “ser” daquele Seminário, como gozo, como o real da existência de alguém).

Quando alguém insulta e chama a mulher de “vaca”, ele não está avisando que esta mulher está atrapalhando a vida dele, que porque a vaca existe ele não pode gozar sossegado; não está tampouco dizendo que ele perde algo para ter que aceitá-la na sociedade. É como se ele dissesse: ela estar ali, vivendo, gozando, isso tem que acabar.

Participante: ajuda trazer a ideia do texto do Romildo, da “presença de um excesso”, e uma aproximação disso com o objeto da angústia?

Participante: é a ideia de que a pessoa, estando presente, não apenas incomoda, mas deve ser eliminada porque ela retira a sua possibilidade de manter identidade. Isso talvez se aproxime da noção de angústia.

Participante: lendo um trecho: “se a angústia se define pela presença na cena de um objeto especial capaz de perturbar a montagem, o ódio talvez possa ser entendido como a reação a um ente que no eixo imaginário encarna essa posição a partir da qual o sujeito se depara com xxxxxx.

Participante: talvez a própria ideia do ódio como sentimento lúcido, depende de que o objeto possa ser pensado como resto.

Por isso que eu digo que estamos no “pós-isso”.

Rodrigo Lyra: Exatamente. Ele é lúcido porque ele vai no ponto real da fantasia. A ideia da lucidez é articulada a uma cena onde a fantasia opera. Mas tem uma cena. Uma cena que é necessariamente enganadora. Ela seleciona, é uma tela para a realidade. Ela forma uma identidade, forma um mundo. Aí entra o objeto da angústia: o contexto tem pessoas, noções, acontecimentos, que ao virem à cena são capazes de perturbar.

Retomando então o tema da lucidez do ódio. Por que ele é lúcido? Porque vai direto na ferida. É o ódio referido à fantasia, não é o do insulto puro. Pensem num casal. Quando um está com ódio do outro, vai direto na ferida dele. O ódio é lúcido nesse sentido, ele vai no ponto do gozo mal resolvido, daquele que a pessoa não consegue assumir, e é esse que é tocado. É o ódio da briga de casal quando se vai na ferida, e a pessoa fala aquilo que ela não podia falar. Porque aquilo no outro está recalcado. Esse é o plano do ódio da castração, articulado à fantasia que é termo lacaniano para um roteiro de base que nos estrutura e esconde o quanto há furo, ou o quanto nosso desejo visa coisas bizarras e impronunciáveis. O ódio vai pronunciar o que nos desnuda e desmonta.

O ódio que cai sobre Lula não parece ser esse. Já foram, talvez pegar o Lula na ferida dele, talvez na época da primeira eleição, com Collor, a Globo tentou pegar na ferida, daquela que teria feito um aborto, não foi isso? Agora não, é arrasa quarteirão. Não é só eliminar o político, mas negar a existência do homem e inclusive de seus filhos e assim por diante, ainda apagar o túmulo, jogar sal na terra. Apagar o túmulo, como o Sade falou sobre ele mesmo: eu quero que apaguem meu túmulo, joguem as cinzas, nunca existi.

Participante: ... sob pena da própria identidade desaparecer, a identidade de quem odeia.

... a identidade de quem odeia desaparece?

Participante: o ódio vem no lugar de uma ameaça à própria identidade de quem odeia. É nesse sentido.

Estamos fazendo uma fenomenologia do ódio. Não estamos pensando na fenomenologia de quem odeia, da função do ódio na economia dela, ainda não.

Sem limites

O endereçamento para o ponto recalcado é que demonstra a lucidez do ódio. Porque quando se ama, a última coisa que se vê é a ferida. O amor não é lúcido. O amor pode ser até mais violento que o ódio, mas ele não é lúcido no sentido de que ele não vai ao ponto fundamental, inaudito e discrepante do ser amado.

Por isso, o ódio é menos comprometido com o recalque. Que tem mais. Digamos, talento, para o ódio parece ter mais sensibilidade para esse ponto, menos submetido ao recalque que é justamente colocar o segredo, o objeto da vergonha fundamental sob o tapete. Por isso o casal clássico é entre a histérica e o obsessivo, a desmedida e o recalcado (obviamente, no discurso clássico da sociedade sobre masculino e feminino, por favor). De um lado alguém que tem algo que não consegue dizer de si mesmo e está angustiado sobre isso (o recalcado) e, de outro, alguém que fala tudo (a louca), transparente, que vai ver direitinho onde está o ponto obscuro e vai colocar nome nele.

O ódio como sentimento lúcido visa, na pessoa, seu ser, sua relação com o que lhe escapa e causa, o objeto *a*. O ódio não visa o desejo, eliminar o desejo de alguém, mas a causa do desejo dessa pessoa. Não visa destruir o que ela gosta; visa destruir a capacidade de gostar dela, nesse sentido 1984 é exemplar. O herói é torturado e entrega tudo, delata todo mundo, sem que possam destruí-lo, mas ele tem horror de rato. É quando a tortura vai colocar um rato em uma máscara em contato com seu rosto, que ele entrega sua causa: ele diz “:coloquem-na aqui, referindo-se à mulher que ele ama, no meu lugar, façam isso com ela”. Aí sim, conseguiram destruí-lo. Porque a causa do desejo era que existisse uma pessoa que seria diferente das outras e que ele nunca ia querer o pior para ela. O ódio contra ele conseguiu extrair dele a sua causa do desejo. Acabou; ele perdeu. A partir daí ele é solto. Os ex-torturados ficam na mesa do bar, tomando chopp... aquela vida não existe mais.

Esse é o ódio que alimenta a transferência negativa, que é muito rica em uma análise. Remeto vocês ao seminário de J. A. Miller sobre a transferência negativa. Basicamente a ideia é a de que o analista não responde a esse ponto de real em que pode até ter sido tocado. Ele conta com sua análise para isso, mas não somente. Conta também com poder estar neste lugar de objeto, sem entrar com sua fantasia. Com poder ter feito de seu ser alguma coisa compatível com esse lugar de objeto sem precisar interagir, ser ferido, etc. Ajuda também o que Lacan teorizou sobre as paixões do ser: são sempre em três na transferência. Amor, ódio e ignorância. Assim, quando o analista é resto, estreme, *palea*, sabe que no mesmo ponto ele é agalma para o analistante e no mesmo ponto reside a ignorância fundamental de seu ser, seu gozo mais singular, de corpo vivo. Uma análise não visa que ele rejeite esse gozo, elimine-o no ódio, nem ame-o ou o conheça. Não dá. Uma análise quer que ele “se vire”, ou seja, que manobre um pouco seu gozo nesses três registros, para viver com ele, “fazer com”. Uma análise é uma pragmática com o obscuro do desejo, sem nunca fazer dele um ser da luz.

Tudo isso supõe que esse obscuro objeto do desejo, objeto “a”, esteja, digamos, ativo, na situação. Não parece ser nossa situação. Vale retomar o que disse Lula antes de se entregar: agora sou uma ideia e uma ideia não se pode destruir. Ele sabe bem o quanto vão querer destruir a pessoa. Se colocar como uma ideia é restaurar o ideal que essa ideia sustenta, por exemplo, a dignidade da classe trabalhadora. É nesse sentido que muita gente afirma que o legado do Lula é restaurar a união das esquerdas, é passar para o Boulos ou pra outro, algo estava esfacelado, perdido... Nós não estávamos funcionando na economia do ideal, e ele restaura essa economia com essa operação. Mas se foi preciso restaurar é porque estamos em outro registro. Uma versão das explicações propostas nos textos é a de que ele teria preservado Marisa Letícia: que ela teria sido ingênua, teria se enrolado com a questão de Atibaia, etc, e ele, para não causar-lhe mal não falou, e por isso se arrasou. O ódio iria atacá-la, convergir para ela suas forças de destruição para destruir o homem. Seria o ódio ligado à sobre a causa do desejo. Estamos em outro plano, Marisa já foi atacada, destruída, já morreu. E continua a violência.

As redes e as paixões

Rodrigo: é difícil pensar esse ódio sem pensar a rede social. Essa estrutura e o que isso produz em termos de laço. O ódio não se explica pela rede social; mas há algo, no próprio exemplo dos comentários violentos que se seguem aos textos. Algo que se condensa, paralelamente ao esgarçamento de outros instrumentos sociais básicos. O ódio lúcido tem alguma referência à fantasia, a algo circunscrito, referido a coordenadas pessoais. Não são ódio de massa, que parece pouco dependente da fantasia de cada um. Seria o quarto ódio, os outros três sendo imaginário, simbólico, e referido ao objeto a. Pode ele ter relação com uma espécie de enfraquecimento da fantasia e é preciso pensar o que é que entra no lugar da fantasia. E entra a questão de como o funcionamento das redes sociais, dos algoritmos, da filtragem, que se faz sob uma certa lógica, influem numa mudança de prevalência relacionada à fantasia, a como se busca e como se recebe esses conteúdos.

Participante: qual seria então o ódio lúcido? Se é o ódio do objeto a, esse quarto ódio talvez não seja lúcido, contrariando de certa forma Freud.

Tenho dúvidas se podemos falar em quatro ódios, pois o objeto causa é atrelado ao que você está chamando de simbólico e eu de castração. Mas três ou quatro, já é importante constatarmos que a posição de objeto do analista lhe permite fazer a diferença entre eles.

Resta ainda saber mais sobre esse ódio sem limites, não referido à castração. E ainda nos perguntarmos se teríamos algo a dizer sobre o que fazer, caso nossa posição de objeto, digamos advertido, tocado pelo insulto, mas não a partir de nossa ideologia pessoal, nossa fantasia, sirva para alguma coisa.

Você traz algo muito essencial. A especificidade das redes.

Participante: sobre a Marielle. Num primeiro momento, foi um acontecimento que produziu um efeito universal. Todos sentiram que algo do universal foi violado ali e aquilo produziu um comum.

Se você compara com o Lula falando que é uma ideia, e não é mais um corpo... isso é que é universal. Universal forte, universal do nome-do-pai, universal do ideal. No caso da Marielle, todo mundo foi pra rua. Outra coisa é dizer que tinha um universal ali.

Participante: mas no caso da Marielle, algo que produz que faz com que todo mundo se identifique de alguma maneira. Um agrupamento de pessoas que não necessariamente se identifica com as marcas dela, o Psol, a esquerda, etc.

Resposta: Um agrupamento, tudo bem. Universal é demais.

Rodrigo: Isso do universal eu falo num primeiro momento. Logo depois começam a aparecer *fake news*, etc, próprios do funcionamento simbólico do algoritmo que começa a produzir polarização.

As *fake news*, parecem sempre começar no plano do ódio como sentimento lúcido. Pega-se na ferida. Por exemplo, as falsas fotos de uma falsa Marielle, nada parecida com ela, com um traficante. “mulher de traficante”. Pega-se o ponto onde a pessoa é vulnerável, mas atenção, no plano em que a pessoa pública é vulnerável, ninguém sabe qual seria o ponto de gozo de Marielle, mas as *fake news* partem de uma projeção do que seria o ponto obscuro de sua persona. Temos que falar disso como objeto da rede e não como leitor da rede. Como nosso corpo é afetado. Caso contrário ficaremos na mesma posição que Eliane Brum.

Participante: o propósito aqui é exatamente tentar encontrar alguma coisa para não ficar exclusivamente tomado pela paixão. Esse ódio produz medo, angústia. Essa arrumação entre ódio lúcido e não lúcido ajuda a fornecer algum instrumento para se poder entrar sem ser tomado, e não ficar apenas de fora só pensando.

Uma ideia é simples. É sempre mais fácil escolher entre dois do que entre vários. O algoritmo vive entre duas escolhas apenas. Quando ele te oferece uma passagem aérea após você ter visto um vídeo fofo de criança é porque muito o fizeram. Você pode comprar ou não, mas a cada decisão sim, ou não, o facebook fica sabendo quanto mais se compra. Só que ele é alimentado pelo que provoca mais cliques, encaminhamentos ou comprar. E isso tende a ser sempre o sim ou não.

Seria o caso de dizer que estamos no plano do imaginário? Que descemos, da castração para um plano mais primitivo? Simplificador demais. Ainda mais porque ara nós não há evolucionismo, não há plano mais simples. Melhor pensar que entramos no ambiente em que não há a mediação da castração, ou seja, no da psicose, em que há sempre um mediador, mas ele pode variar infinitamente.

No caso da psicose, temos duas opções, a paranoia, em que a mediação é feita por um postulado coletivo e a esquizofrenia, em que é feita por alguma prótese adhoc. Não vejo como falar das redes sem entrar nessa discussão. O que não significa que ela seja psicótica ou que estejamos nos tornando psicóticos. Apenas estamos, em massa, deixando de usar o não-sabe, o saber porvir (como é o saber paterno, sempre por vir) como mediador entre o que sentimos e o sentido que damos a ele.

Certamente voltaremos a isso nesse seminário, mas por hora quero pontuar o quanto esse ódio sem limites parece ligado ao modo psicótico de viver a presença do Outro e o quanto as redes parecem ter a ver com isso.

Remeto vocês ao livro de Jaron Lanier que Rodrigo me recomendou: “Dez razões para deixar as redes sociais imediatamente”.

Quero voltar sobre a paixão. A gente tem que ser tomado pela paixão. Se não formos tomados pela paixão, não estaremos sendo objeto, mesmo que seja da rede. Lembrando que é da posição do analista, de seu saber próprio, como diz Lacan “bancar o objeto”.

O ponto é que a questão não está entre paixão e não-paixão. Isso é um pouco o que me incomoda no intelectual crítico. Zizek, ou Vladimir Saffatle, mais perto, são bons exemplos, não são intelectuais críticos “bela alma”. Ser tomado por uma paixão, navegar numa paixão... isso é o que eu estou propondo. E não se desapaixonar.

Participante: mas algum instrumento se tem que ter para navegar pela paixão, até para não ser engolido pela onda de ódio. É óbvio que não se pode estar fora da paixão, está todo mundo tocado.

Para Lacan, desde o começo, o intelectual é tomado pela paixão da ignorância. Para ele é tão importante quanto a paixão do amor e do ódio. São as três paixões fundamentais. Alguém vai até o fim do mundo por essas três paixões, com diferenças entre elas. A paixão da ignorância pode se apresentar como querer saber, ou de querer falar do lugar do saber. A paixão do ódio é a que quer acabar com o gozo do outro e a paixão do amor é a que quer se desaparecer no gozo. São carreiras sem limite, as três paixões do ser, como Lacan fala no início de seu ensino.

Participante: mas isso é porque o saber está enfraquecido nos dias de hoje.

Resposta: poderia ser. Mas o saber está enfraquecido como saber abstrato. Ele não está enfraquecido como saber pragmático e utilitário. Ao contrário, vale milhões.

Participante: Lula é uma ideia seria uma espécie de refundação do universal.

Resposta: Exatamente.

Participante: Mas logo depois dessa proposição Lula é uma ideia, vira “hashtag Lula é uma ideia” e em seguida vêm os memes que ridicularizam, por exemplo, “Cabral é uma ideia”. Com o hashtag na frente, essa que poderia ser uma refundação do universal desaba muito rapidamente.

Participante: De um lado o intelectual crítico, com a paixão por estar de fora; de outro lado, o objeto tomado pela rede também sem universal. Pensando por exemplo, no caso Marielle, os direitos humanos não são mais um universal.

Vamos recapitular.

Nossa fala de objeto

O que estou tentando advogar é que há algo em que nós nos escoramos para podermos escolher a versão que vai servir. Qual é esse elemento? Eu diria dessa outra maneira a frase de Lacan: *de nossa posição de objeto podemos nos tornar responsáveis*.

A frase famosa de Lacan diz “de nossa posição de sujeito somos sempre responsáveis”. Sim, mas e como objetos? Introduzi a contingência com o “podemos nos tornar”. Da nossa posição de objeto, agarrado pelo algoritmo, podemos nos responsabilizar. É só não encaminhar uma *fake News* só para “causar”. Ou então fazer por isso mesmo, mas aguentando as consequências. Outro exemplo, não sei dizer em um texto o que me fisgou, mas quando sou fisgado, posso dizer por onde, em vez de só compartilhar, não?

Falamos das três paixões – ódio, amor e ignorância – e dentro do ódio nós distinguimos três ódios, talvez quatro. O imaginário, que é o mais “de massa”, ou nós ou eles; provavelmente o que os algoritmos mais estimulam. O simbólico: preciso consentir com a castração para estar

aqui, mas esse consentimento produz um resto de violência, e eu uso esse resto de violência para atacar o outro no ponto cego dele. Nesses dois, é o gozo do outro que está em questão, mas a maneira como se lida com ele é diferente. O terceiro é esse que estamos vivendo. Ele é ilimitado. Não parece que se endereça a alguém. Endereça-se a um grupo? Quando vem, parece que vem de um grupo, mas não se endereça a grupo mais nenhum.

Participante: o ódio lúcido é o simbólico. E um gozo real? Podemos pensar assim?

Esse terceiro é difícil pensar, mas ele está aí. Ficamos então ou tomados pelas grandes explicações... ou, como estou dizendo, é desse terceiro que nós temos que produzir o objeto, é outra maneira de falar de se responsabilizar. Mas atenção. É o objeto como coisa estranha, e não como passivo. É o objeto “a” de Lacan, obscuro e bizarro. Se responsabilizar por isso é assumir-se como perturbação, sintoma também.

Participante: Mas isso de ser tomado por alguma coisa não é apenas ser tomado; implica a posição de analista, ou seja, saber localizar alguma coisa dessa posição de objeto para agir a partir disso.

Participante: mas esse elemento que fissa, isso não remete mais à posição de analisante?

Atenção, não me parece que possamos distinguir esses ódios na prática. Eles estão sempre combinados. Esse terceiro ódio, ilimitado, que parece que não tem alvo, não está procurando alguém para eliminar, a gente diz que esse ódio convergiu sobre a figura do Lula. Converge, mas ao mesmo tempo não converge, porque ele é sobre tudo. Uns dizem então que é ódio sobre o que ele representa. Mas quando a pessoa fala “Vai pra Cuba!”, isso não representa nada. Basta alguém falar diferente para o pessoal do Bolsonaro, por exemplo, que começa o xingamento, o “Vai pra Cuba!”. Diante de qualquer alteridade, “Vai pra Cuba!”.

São essas algumas questões sobre esse ódio que está aí. Não vamos respondê-las, apenas começar a pensá-lo a partir da experiência da análise. Aqui se encaixa essa frase: *da nossa posição de objeto podemos ser responsáveis*.

Participante: Essa responsabilidade pela posição de objeto também não pode ser pensada como ser responsável pelo fato de que quando se fala a partir dela se deva cuidar para que essa fala não seja despida de toda a causa que estava ali? Por exemplo, pensando no passe. No passe, a pessoa se responsabiliza para que aquele texto não seja completamente vazio.

Sim. Mas isso vale também para quando, por exemplo... Alguém endereça uma questão a quem recusa o intelectual crítico e entende que o momento é de ação: você fala do lugar da militância, você fala com uma identidade que desaparece na militância. Com isso, quem endereça essa crítica quer dizer que você fala como objeto de um discurso, que você não tem uma posição de sujeito. Isso é o que se critica nos militantes.

É preciso ser objeto estranho, que ali também não compõe alguma coisa. É isso se responsabilizar por sua dimensão de objeto. É algo que falamos sobre o que faz a Marielle quando ela diz “sejam bastardos, mas não acreditem muito nisso”.

Antigamente pensava-se que do lugar do sujeito íamos ao encontro de nosso lado objeto. A gente ia falando, sem saber o que estava falando, e então aparecia uma frase, essa frase devia ter um sujeito, via-se qual o referente desse sujeito, e ia-se construindo um lugar de objeto para o outro dentro da fantasia. Agora, em muitas situações, chegamos já como objetos, do consumo, de sintomas bizarros, por exemplo.

Participante: a questão toda é você colocar o seu gozo em jogo, colocar a sua dimensão de objeto em jogo, e não aderir aos movimentos identitários...

Não. É o contrário. Você tem que aderir. É o fio da navalha. Você precisa se alienar a um discurso, senão você não é. E como você vai se separar se alienando? O que a gente tinha até ontem era

assim: já somos todos separados. Perdemos uma libra de carne. Nunca seremos totalmente alienados. Não é mais tão verdade. A paixão da ignorância nunca foi tão forte. Nunca tantos quiseram tanto saber sobre o que está acontecendo. Têm a ideia de que vão pensar sobre. Não vão conseguir. Melhor, como objeto, falar.

Participante: mas e se a gente tem um pressentimento de que há um dispositivo contemporâneo a partir do qual você vai achar que está falando como objeto, mas que em seguida aquilo vai ser destituído de qualquer valor de objeto?

Resposta: por exemplo, aquela situação do Black Mirror que comentamos ano passado, do sujeito que vai assassinar o outro. Ele está totalmente tomado como objeto, o desejo dele foi tomado como objeto total, e ele vai lá assassinar o dono do programa. E isso é totalmente incorporado dois segundos depois. É o que você está dizendo. Há algo no sistema que absorve.

Participante: Então, para se responsabilizar pela fala a partir da posição de objeto, é preciso pensar nas condições nas quais ela será enunciada. Senão a pessoa estaria no seu lugar imaginando a sua fala como sendo do lugar de objeto, ao mesmo tempo em que o lugar para onde ela está sendo endereçada vai transformar aquela fala num material qualquer. Também na experiência clínica, pode-se imaginar que a forma de falar, o ponto do qual você vai expressar a partir desse lugar de objeto, pra quais lugares e em que veículos isso pode ser feito, é algo com que se preocupar. Porque quando você sabe que há uma “maquininha” que aniquila qualquer fala do lugar de objeto, você não estará falando nada.

Resposta: Mas falar do lugar de objeto é não falar nada. Tem um paradoxo aí.

Participante: Mas tem uma dignidade aí, de falar do lugar de objeto, do lugar onde você é tomado.

Resposta: Tá. Estamos andando rápido com categorias que acabamos de inventar. É preciso marcar algumas coisas.

Participante: A ideia é que você tem que entrar nisso a partir de algum ponto em que você é fisgado em sua paixão.

Resposta: Sim, mas aí, entrou. E então você começa a falar o discurso do Outro, e não você. Você começa a repetir. Não tem jeito. Antes, eu achava que eu ia falar a minha fala. Agora você que essa sua fala não é sua. E se você fizer a sua, daqui a pouco ela já é do outro.

Participante: Isso sempre foi assim, é estrutural. Mas se estivermos experimentando uma situação onde esse traço de esvaziamento que o outro tem sobre a alma apaixonada esteja elevado à enésima potência, funcionando a duzentos por hora, talvez isso tenha a capacidade sim de esgarçar, e fazer com que pequenas paixões se depositem...

Sua questão é um pouco diferente da minha. Para a sua, eu sugiro “A Filosofia da Caixa Preta” do Flusser. Para ele essa é a questão da liberdade no mundo de hoje. Qualquer coisa que se diga é tomada e vira algo de todo mundo, e qualquer coisa que alguém diga já foi dita antes e você foi tomado por ela. O quanto você tem de margem de manobra? Essa é a questão da liberdade de hoje para ele, a margem de manobra com o algoritmo. É a questão da liberdade nos tempos do uber. Qual é a sua liberdade se a cada coisa que você escolhe você está alimentando a máquina, que vai te propor uma escolha, viciada, em cima de sua própria escolha?

Angústia e depressão

Gostaria de terminar com outra coisa. Poderíamos ressuscitar duas categorias que podem nos ajudar e que apareceram aqui hoje, a angústia e a culpa. Nessa situação, em que a pessoa é colhida por um discurso, em que se é tomado por alguma coisa, quando se recua de ser tomado... a gente sabe disso: quem cede de seu desejo paga com culpa. Está lá no Lacan, Seminário 7. É o contrário do que se costumava pensar: a pessoa faz errado, e fica com culpa.

Não. A pessoa não faz e fica culpada. Ela deixa de estar onde ela está como objeto de uma paixão. Ela deixa de ser levada pelo seu desejo. Ela recua. Vai pagar com culpa.

A culpa hoje é mortal, só não se chama mais culpa. Ela se reconhece mais em uma lassidão, demissão do desejo, eventualmente triste, que hoje chamamos *depressão*. Antonio Teixeira destacou isso bem a partir da indicação de Lacan sobre Spinoza.

Esse é o drama dos intelectuais. Não há mais intelectuais, porque não se admite mais que haja recuo, todos tem que ser objeto do consumo ou de uma paixão que leve a *engagement*, ou seja, cliques. Não é à toa se só negros podem falar de negros, só quem está como objeto da negritude pode enunciar alguma coisa. Então só intelectuais metidos na ação é que podem pensar. Só que eles pagam com angústia. Entre se deprimir e se angustiar, prefiro a angústia.

As duas coisas estão em dialética: é preciso recuar, mas o lugar do recuo não se paga mais com culpa, se paga com desaparecimento. E o lugar do avanço não se paga mais com angústia, se paga com morte.

Participante: não seria nossa função, quase obrigação, pensar nas condições de participar mas não ser tão imediatamente tragado?

Nosso trabalho para fazer isso é isolar o ponto onde você é tomado na paixão. E a primeira paixão que a gente tem é pelas falas do Outro. É-se tomado pelas falas do Outro quando se nasce. A gente tem registrado na gente os lugares por onde nós fomos tomados. Isso é uma análise. O primeiro trabalho é esse, termos uma espécie de localização das nossas fixações. A partir daí, talvez possamos pensar.

Participante: mas você pode partir desse lugar e fazer uma exposição, pode puxar desse lugar e fazer um blog, pode partir desse lugar e colocar nas redes sociais e aí você se f***... isso também é um ato.

Resposta: tem estratégias.

Participante: sim, mas essa estratégia não é só fria, ela faz parte do ato.

Resposta: não sei. Porque dependendo do que vier, é absorvido por um lado ou pelo outro. Você não escolhe tanto. Você pode ter uma estratégia, por exemplo, eu vou publicar numa rede social ou noutra, ou não vou publicar em lugar nenhum. Mas essa escolha é limitada. Uns podem relutar em entrar numa rede social como o facebook; outros estão lá porque estão lá, são "facebookeiros", ou são "blogueiros", etc., e não é gente idiota não. Tem algumas coisas que vão nos fazendo.

Nisso tudo aparece a arte como uma questão vital e crucial. Nesse momento, falando de Lula, foi exatamente o que desapareceu do horizonte. Parece que não se vê e vamos parar nos memes. Mas tem alguma coisa envolvendo a arte que é fundamental. O próximo encontro começará por aí, onde nós terminamos ano passado.

Gostaria que vocês lessem um texto de Lorenzo Mammi, maravilhoso. Ele diz que talvez hoje a única coisa que possamos ter como definição de arte é que ela é o que não consegue ser digerido imediatamente pela rede social. Então, nós precisaríamos disso, do que demora um pouquinho para ser digerido. Isso talvez seja o ponto da arte.